

Homem e máquina: suas transformações relacionais¹

Deodato Rafael LIBANIO de Paula²

Benedito Diélcio MOREIRA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

Apresentamos com este texto um prolongamento de discussões já realizadas em eventos da Intercom e em outros espaços, buscando assim debater novas formas de pensar o consumo de tecnologias midiáticas. A este debate acrescentamos duas ideias: Empatia Maquínica e Empatia Tecnológica. A partir dos conceitos de *Continuum* Histórico de Norbert Elias e *Continuum* Mediático Atmosférico de Ciro Marcondes, questionamos a relação entre o indivíduo e as máquinas midiáticas. Dedicamos especial atenção aos jovens, pois eles são capazes de lidar com o que é novo e de inovar no uso dessas tecnologias alterando as formas de recepção e transmissão de conteúdos midiáticos. Alicerçaremos os nossos apontamentos teóricos neste texto nos resultados ainda iniciais de uma pesquisa que está sendo conduzida, em Mato Grosso, junto a jovens do Ensino Básico.

Palavras-chave: Empatia; Tecnologia; *Continuum* Histórico; Mídias.

Introdução

Este trabalho dá sequência ao trabalho apresentado na XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Centro-Oeste⁴. Abordamos aqui alguns pontos colocados como questionamentos no referido artigo, como a relação entre homem e máquina no mundo contemporâneo, que chamamos de Empatia Maquínica, ou seja, o modo como as transformações tecnológicas vão alterando o imaginário e como se dá a apropriação que os jovens fazem das máquinas.

Damos sequência às discussões anteriores alicerçados nos dados da região Centro-Oeste, obtidos por meio da pesquisa nacional “Rede Brasil Conectado⁵”, e, especialmente, por conta dos resultados iniciais de um estudo que estamos desenvolvendo com jovens de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UFMT-Cuiabá, email: deodatorafaelj@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Benedito Diélcio Moreira, do Curso de Comunicação Social da UFMT-Cuiabá, email: dielciomoreira@yahoo.com.br.

⁴ Texto disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0037-1.pdf>.

⁵ Coordenado pela professora Nilda Jacks, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa realizada com jovens de 18 a 24 anos.

16 a 24 anos, alunos do terceiro ano do ensino médio do período noturno⁶, em uma escola pública de Cuiabá.

A questão do termo Empatia Maquínica é fruto de longas conversas e análises desenvolvidas em nosso grupo de pesquisa. Este termo é um alicerce para pensarmos no indivíduo/ambiente/tecnologia. O nosso intuito é buscar novos questionamentos, novos modos de pensar o objeto e possíveis indicadores sobre as relações entre homens e tecnologias, com um olhar em especial para os jovens.

Deste modo, na primeira etapa deste texto vamos fazer um alicerce teórico sobre as transformações sócio-históricas, para as quais adotamos os conceitos de *Continuum* Histórico (ELIAS, 1994), ou seja, relações em processo, nunca acabadas, nunca formadas, e o *Continuum* Mediático Atmosférico (MARCONDES FILHO, 2012). No segundo momento vamos mostrar como chegamos à problemática da Empatia Maquínica, que seria fruto de um processo, a Empatia tecnológica. Posteriormente vamos contextualizar o motivo de a pesquisa estar voltada para os jovens, e o porquê de buscar um novo “olhar” para os jovens e suas relações com as tecnologias. Na última parte relacionamos os resultados da pesquisa com as hipóteses apresentadas no decorrer do texto.

O Continuum Mediático Atmosférico e as Relações Sociais

A sociedade não é algo rígido e fechado, ela se modifica dentro de um *Continuum* Histórico, obtendo de tempos em tempos uma peculiaridade específica. Estas especificidades também influenciam no processo em que nos constituímos como indivíduos, de modo que, em determinado tempo histórico, a sociedade e os indivíduos se formam de modo distinto. Tomemos como exemplo a constatação de Margaret Mead (1971, p.21):

En el mismo momento en que un nativo de Nueva Guinea contempla una pila de ñames y la define como “un montón”, porque no sabe contar, los equipos de Cabo Kennedy calculan el segundo exacto en que una misión Apolo debe cambiar su rumbo para colocarse en órbita alrededor de la luna.

Podemos também pensar em um europeu do século XVI, com suas tecnologias, vivendo no auge nas navegações e de um europeu do início do século XX, com seu grande desenvolvimento industrial e tecnológico às portas de duas grandes guerras. Estes processos

⁶ Esta pesquisa está sendo conduzida pelo grupo Comunicação, Infância e Juventude, que reúne professores e alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

sociais, econômicos, políticos e comunicacionais influenciam diretamente na formação da organização social humana e seus modos de pensar, pois toda relação já é em si social, então, o modo como as pessoas se relacionam (se comunicam) é ligado e vinculado a outras esferas (ELIAS, 1994). Em outras palavras “os homens se fazem pelos instrumentos que eles próprios inventam” (SAMSONOW, 2007, p. 01).

Portanto, os processos de socialização são distintos culturalmente e temporalmente, em que o desenvolvimento da criança, por exemplo, a aprendizagem de uma conduta moral e sua visão de mundo é orientada por esse processo social e “tribal” de que ela faz parte. Porém, é no processo de “individualização⁷” que o indivíduo se torna único: “... a formação individual de cada pessoa depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas” (ELIAS, 1994, p. 28).

Antes da construção da representação do objeto, há uma relação entre sujeito/meio/ambiente e o modo como o objeto se apresenta para o sujeito. Este espaço tridimensional mostra possibilidades para a construção de uma representação. Ou seja, o lugar (espaço) onde o indivíduo está e o modo como um objeto se mostra, assim como o indivíduo se relaciona com ele, influenciam na construção simbólica.

É neste processo de representação simbólica em que se formam as “retículas⁸” da sociedade. Buscaremos fazer uma relação com um desses “fios” que formam esta rede de relações, as transformações mediáticas. Buscaremos, então, uma relação do *Continuum* Histórico de Norbert Elias com a tese do *Continuum* Mediático Atmosférico de Ciro Marcondes Filho (2012).

Continuum Mediático Atmosférico é a base que sustenta os espíritos, os modos de se relacionar, os meios de comunicação e a tecnologia no decorrer da história, conforme pensamento de Marcondes Filho. É a base sobre a qual os pilares se rearranjam: muda-se a época e esta figura de mudança contínua é o cerne deste *Continuum* dos *medias*. Ele é algo que está “acima” das pessoas, que as interligam como sujeitos de uma determinada situação espaço/temporal, formando um cenário social que repercute em cada indivíduo e na sociedade, indo além de uma simples “esfera de ideias”, absorvendo também valores e concepções de mundo (MARCONDES FILHO, 2012). O *Continuum* produz uma união

⁷ Este conceito é definido por Elias (1994) como um “caminho” de formação do humano no interior de uma sociedade, na qual ele se torna um indivíduo. Este processo começa desde criança, em que os impulsos libidinais e os fluxos corporais começam a ser educados para a criança se enquadrar em padrões sociais, para que seja possível viver em conjunto. Além das retrações que limitam as ações dos indivíduos em suas diferentes etapas, da infância ao mundo adulto, temos a “margem de escolha”, que são as possibilidades que têm o indivíduo, que nunca atendem em sua completude os seus desejos ou subjetivações.

⁸ Segundo Norbert Elias (1994), a sociedade é algo reticular, ou seja, em forma de teia, em que as relações micro e macro se misturam e se relacionam mutuamente e, além disso, são interdependentes.

destes fatores que marcam uma época, logo é ativo, como um produtor. Para o autor, *Continuum Mediático Atmosférico*

[...] constitui um suporte, uma base onde assentam-se periodicamente, conforme as circunstâncias e os investimentos individuais, institucionais ou coletivos, “espíritos do tempo”.

[...] algo que estava acima das pessoas e ao mesmo tempo alinhava-as todas num mesmo programa, criando uma cena social total que repercutia de volta reenergizada sobre essas mesmas massas. Não é somente uma “esfera de ideias”, genérica, difusa e trans-histórica; é uma máquina pulsante que absorve tendências e movimentos e os dinamiza aceleradamente. O continuum tem esse caráter de máquina transformadora e propulsora. Ele incorpora a ideia de um sistema organizador de absorção e redistribuição de concepções de mundo, valores, ideias e tendências. Não basta dizer que ela tem “relativa autonomia”, é preciso destacar esse caráter *produtor* que ela possui. Ao unificar, englobar, fundir, ela provoca sínteses, ela depura e secreta sentidos. (MARCONDES FILHO, 2012, p. 75, 76).

Esta tese de Marcondes Filho diz respeito às transformações que as mídias vão sofrendo no interior do *Continuum Histórico*, ou seja, toda transformação social está entremeada por uma transformação mediática. Marcondes Filho argumenta que de tempos em tempos as formas de se comunicar, de transpor dados subjetivos, sublimações, projeções do mundo, da criação de um imaginário, estão estritamente vinculadas às tecnologias da informação e da comunicação. Assim, como toda a tecnologia é aprimorada e transformada no decorrer do tempo, as formas de se comunicar também se alteram.

Esta assertiva nos leva a um exemplo: as relações sociais da sociedade em rede (digital) são completamente diferentes da sociedade da era de ouro dos meios de comunicação de massa, em que o consumo midiático se dava por meio de uma linguagem muito mais homogênea, verticalizada, ou seja, as pessoas se reuniam para ouvir rádio, por exemplo, diferente da sociedade atual, em que adultos e jovens (estes especialmente) se relacionam com o aparelho com destreza e de modo individual. Logo, as linguagens, os modos de consumo, de se comunicar e se relacionar são completamente diferentes da outra sociedade, que não dispunha de múltiplas e convergentes plataformas comunicativas.

Nesta “cultura digital” (SANTAELLA, 2003) dispomos de múltiplas plataformas que potencializam novas formas de habitar o mundo. Podemos imergir no mundo virtual, estar com o outro sem estar no mesmo espaço, receber e transmitir informações em um fluxo frenético, inimaginável há poucas décadas atrás. Transformamos o corpo em imagem espectral (telegráfica), composta de códigos binários, que se transformam em audiovisual (LYOTARD, 1988), mas que mesmo sem o toque da pele, do olhar nos olhos, do estar ao

lado, não apagam as transposições afetivas e sentimentais que são capazes de “tocar” o outro, causando nele alegria ou tristeza, riso ou choro (MOREIRA, 2015).

Estes dispositivos comunicacionais e tecnológicos, que Samsonow (2007) chama de “objetos”, caracterizam um período, marcando a sua especificidade. Segundo a autora, o homem representaria muito bem isso, para além dos objetos no seu próprio viver, no cotidiano, das práticas mais simples às mais complexas.

Por isso a “cultura digital”, segundo Santaella (2003), mostra como esses objetos alteram sensivelmente o ambiente, proporcionando novas formas de habitar e, concomitantemente, a forma do homem pensar, ser e agir, marcando este “espírito de um tempo”. Como Samsonow (2007) postula, o ambiente que impulsiona a criação do conhecimento é anterior à sua formulação. O conhecimento adquirido está vinculado ao meio em que surgiu como proposição inovadora.

É neste fio que interligamos o conceito de *Continuum* Mediático Atmosférico, pois devido às transformações dos objetos e do ambiente em que vivemos, vamos alterando nossas formas de se comunicar, nossa percepção de tempo/espaço, nossa interação com o meio/ambiente, o que culmina com uma relação interdependente por meio da qual desenvolvemos o conhecimento, “avançando” na transformação tecnológica. O desenvolvimento social e tecnológico altera os modos de pensar, pois não haveria modo de pensar se não houvesse ambiente que alicerçasse o pensamento de modo dialético⁹. “As tecnologias que sustentam ou gerenciam a linguagem também afetam a mente, por necessidade, simplesmente porque a linguagem é um sistema para a articulação da mente, um sistema operacional [...]” (DERRICK DE KERCKHOVE, 2003, p. 07).

Deste modo, as transformações sociais formulam um processo interativo com o vivente, parafraseando com Lyotard (1988), que acaba de modo análogo reforçando o pensamento de Kerckhove, ao dizer que a linguagem “ingênua” do homem somada às capacidades técnicas de um dispositivo cria novas formas de linguagem, que estão estritamente vinculadas às capacidades técnicas do meio. Logo, as transformações tecnológicas da sociedade estão em profunda relação com a linguagem do homem, pois o ambiente é o meio para as relações (SANTAELLA, 2003). Podemos levar o processo de interação de Lyotard para uma escala macro, pois se o ambiente também é um meio e nele é que se instauram as transformações tecnológicas, criam-se novos processos interativos com o *Continuum* Histórico, formando novas formas de linguagem com o meio. Com a

⁹ Entendendo dialética como um processo de transformação mútuo e não sintético de indivíduo e espaço do vivente. (LYOTARD, 2000).

formação de novas linguagens altera-se a formação da mente humana, já que esta é um sistema de articulação¹⁰.

Deste modo, tentamos dar um passo inicial na relação teórica do *Continuum* Histórico e o *Continuum* Mediático Atmosférico na tentativa de mostrar como estas transformações vão alterando a mente humana, e como este processo é algo eminentemente comunicacional e não só filosófico, linguístico ou sociológico. Além disso, essas teorias abrem caminhos para o nosso próximo passo, pois elas mostram em uma visada mais ampla como as transformações da relação entre homem/ambiente/tecnologia alteram o imaginário e a formação da mente. Estes elementos reforçam a ideia do que estamos chamando de “Empatia Maquínica”.

A Empatia Maquínica e a Empatia Tecnológica

Como havíamos discutido anteriormente, o avanço tecnológico altera as relações dos indivíduos com os objetos. No mundo digital, com a chegada dos smartphones, temos *planteada* uma nova forma de se relacionar com a máquina. Com este aparelho, fazemos ligações, imergimos no mundo virtual, temos agenda, filmadora, máquina fotográfica, calculadora, rádio, enfim, uma série de dispositivos que nos proporcionam inúmeras facilidades, aumentando a velocidade dos fluxos de emissão e recepção de informação, e as formas de mediação dos conteúdos, pois neste aparelho não apenas vemos uma foto, nós a recebemos, editamos e transformamos o dado inicial de modo complexo.

Este aparelho altera nossa percepção de mundo, os sentidos se armam ao se relacionar com ele, estimulando e exigindo mais do tato e da visão. Além disso, nos tornamos dependentes das suas funções para trabalharmos, organizar nossas atividades diárias, estudar, nos relacionar, e obter informações jornalísticas, entre outras coisas. Ou seja, o smartphone está presente em toda a esfera social de um indivíduo que o têm a sua disposição.

Em nosso entendimento, o relacionamento do homem com a máquina¹¹ está para além de uma simbiose relacional. A simbiose é o momento em que usuário e aparelho se tornam algo uno, ou seja, é um processo relacional no qual o homem traz a máquina para si, habitando a máquina, ao mesmo tempo em que a máquina se aloja em seu corpo, como que

¹⁰ Para Lyotard (1964) a mente também é um sistema operacional articulador de palavras, sendo que neste processo cognitivo já há em si a comunicação, a relação entre símbolos com a tentativa de objetivar algo. Pois, pensar já é em si falar, e falar é ter relação.

¹¹ Para se aprofundar mais no assunto ver Marcondes Filho (1998; 2009; 2012); Moreira (2015); Moreira e Fichtner (2015); e sobre as novas relações entre o orgânico e a máquina na cultura digital ver Santaella (2003; 2010).

o habitando. Já a empatia é esta identificação afetiva e intelectual que o homem cultiva. Os dispositivos tecnológicos de comunicação parecem impulsionar o homem a querer estar com a máquina, ficar muito mais do que próximo a ela, torná-la parte de si. Quando temos empatia a algo, sentimos alegria ao encontro, por isso, não queremos mais nos desgrudar deste algo, já que identificamos nele a causa de nossa alegria.

A Empatia Maquínica torna a relação entre homem e máquina tão visceral que ela está para ele além da simbiose. Não há apenas simbiose, pois o processo empático se dá também pelas disponibilidades que a máquina proporciona. Esta máquina midiática torna possível um universo paralelo em nossas mãos, de modo que nos prendemos a ela porque nos tornamos dependentes dos seus dispositivos.

[...] na cultura do computador, perturbadoramente os dispositivos estão ficando crescentemente inteligentes e as interfaces com o humano cada vez mais íntimas, sutis e mesmo imperceptíveis. Dessa intimidade brotam organismos híbridos entre o carbono, o silício e outros possíveis materiais, capazes de incorporar inteligência. Não por acaso esses híbridos foram batizados de ciborgues, uma população que cresce e se diversifica de modo desconcertante, e não por acaso a questão do corpo passou a ocupar o centro dos debates sobre desconcerto. (SANTAELLA, 2003, p. 119, 120).

Inspirados em Santaella (2003), pensamos o processo em que o empático maquínico começa a se desenvolver. É quando surge o consumidor singular da “cultura das mídias” (não que os outros não sejam singulares) e do início da “cultura digital”, esta última, atualmente mais sustentada, porém longe do seu ápice. A “cultura digital” transformou o consumidor em algo híbrido, produtor, inovador, complexo e singular¹². A empatia é fruto do processo de desenvolvimento e solidificação da “cultura digital”, pois com ela alteraram-se as formas de relação com as mídias e com as tecnologias. Já o processo de Empatia Tecnológica é algo transcultural, que perpassa pelo *Continuum* Histórico e que está estritamente vinculado com o consumo que os homens de uma determinada época fazem das mídias. O termo consumo está sendo utilizado para dizer a respeito da relação, utilização e potencialização das tecnologias.

[...] a cultura digital não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais o que chamo de “cultura das mídias”. Estes processos

¹² Para maior aprofundamento na questão da “cultura das mídias”, “cultura digital” e formas de consumo ver: “Introdução”, “Cultura Midiática” e “Substratos da Cibercultura”, In: Cultura e Artes do Pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura, (SANTAELLA, 2003).

são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura digital ora em curso. (SANTAELLA, 2003, p. 13).

Para autora, existem seis eras culturais que surgiram e se transformaram no decorrer do desenvolvimento tecnológico, sendo elas: culta oral; escrita; impressa; de massa; das mídias; e digital. Uma era cultural ao se transformar não destrói a outra, mas acumula processos em um sentido não linear, ou seja, se torna mais complexa, assimilando diversas formas de comunicação, requerendo diferentes níveis sensoriais. Então, a “cultura das mídias” é este espaço “entre” a cultura de massa e a “cultura digital”, espaço que Santaella mostra as mudanças nas formas de consumo e linguagem das mídias, que começaram a se tornar muito mais individuais do que eram na era massiva.

Os dispositivos tecnológicos que introduziram uma recepção singular como *walkman*, *walktalk*, videocassete, tv a cabo, por exemplo, rompem com a cultura de massa, que embora seja maciça em relação aos números, não é mais simultânea e homogênea, pois a audiência se tornou mais seletiva. Logo, mudam-se as formas de produção, distribuição, consumo, de relação e comunicação com a máquina.

O início da nova era (digital) surge quando uma mídia consegue aglutinar diversas plataformas comunicacionais, linguagens distintas em um único meio e proporcionar ao consumidor a possibilidade de intervir diretamente nela. Além deste fator, a distribuição e difusão da informação impulsionada pela informática com o grande avanço das telecomunicações no fim do século XX, também é um fator de importância singular neste novo processo cultural (SANTAELLA, 2003).

Analisando, portanto, este percurso tecnológico entendemos o processo de Empatia Tecnológica como algo mais amplo do que a Empatia Maquínica, dizendo a respeito não só da relação entre indivíduo/máquina, mas do modo como no decorrer do *Continuum* Histórico as formas de se relacionar com a tecnologia influenciaram na direção em que o desenvolvimento do *tecno-lógos* iria tomar.

Assim, o modo como o indivíduo começou a se aproximar das tecnologias na “cultura das mídias”, com *walkmans* e outros aparelhos portáteis, direcionou o desenvolvimento tecnológico/mídiático para a “cultura digital”, com o desenvolvimento dos *personal computers*, *ipods*, e conseqüente os *smartphones*. Como mostramos no início do texto, alicerçados em Samsonow (2007, p. 02), o modo de pensar diz respeito primeiramente aos “meios que permitem a produção de conhecimento” e inovações, e

somente depois no conteúdo do conhecimento que dispomos. Ou seja, a *episteme* é formada a partir da nossa relação com o ambiente e não apenas de dados epistemológicos acumulados em forma de conhecimento. Por isso, a relação entre indivíduo e ambiente, no caso da “cultura digital”, impulsiona o desenvolvimento do conhecimento para uma direção, não em um sentido unilateral, mas em uma espécie de “sistema aberto” que é puxado por um “atrator¹³”, que acaba influenciando as relações dentro do mesmo sistema. (MARCONDES FILHO, 2009).

Podemos então considerar a Empatia Tecnológica como uma espécie de “atrator”, que vai movendo o desenvolvimento e o consumo das mídias, provendo um certo fluxo. Esta movimentação é eminentemente revelada na forma de *Continuum* Histórico Mediático, em que o consumo e o desenvolvimento tecnológico das mídias se modificam conforme as relações entre homem e máquinas se alteram. Por conseguinte, consumo e desenvolvimento tecnológico/mediático são interdependentes, quer dizer, um não determina o outro, mas ambos formam “ligações complexas” dentro da grande “retícula” chamada de sociedade (ELIAS, 1994).

Para embasar melhor este processo de consumo e relação empática das mídias, trazemos aqui alguns dados referentes à pesquisa que está sendo realizada pelo grupo “Comunicação, Infância e Juventude”.

Mas, por que os jovens?

Segundo Moreira e Fichtner (2015), o jovem possui uma forma singular e inovadora de uso das mídias. Além disso, o jovem se constitui como um novo consumidor, pois é capaz de inovar nos modos de utilizar as máquinas. Hoje, ele já ocupa espaços de consumo com outras gerações que não possuem a mesma relação e destreza ao manusear os aparelhos. Então, acompanhar os jovens, como já destacou Rushkoff (1999), é olhar para o futuro, é buscar as problemáticas que já se instauraram em nosso ambiente e as possibilidades posteriores, levando em consideração a hipótese de que o desenvolvimento tecnológico será movido por esse “atrator”, a Empatia Tecnológica.

O jovem de hoje nasce em uma “atmosfera digital”, para fazer uma paráfrase entre as teorias da “cultura digital” de Santaella (2003) e do “*Continuum* Mediático Atmosférico” de Marcondes Filho (2012). A atmosfera que surge no *Continuum* Mediático é o que alinhava indivíduos distintos e complexos dentro de um campo “comum”, um modo de se

¹³ O conceito de “atrator” é tratado por Ciro Marcondes Filho nas obras *Cenários de Um novo Mundo* (1998) e *Superciber* (2009).

comunicar, que costumamos chamar hoje de comunicação virtual, que é uma peça chave da cultura digital. Logo, a web proporciona essa atmosfera que toca a todos que imergem em distintas plataformas comunicacionais.

Por ter nascido envolto nessa atmosfera, de fluxos informacionais complexos, de diluição do espaço/tempo, de espectralização do corpo, em um mundo que se aproxima muito mais do caos do que do solo fixo e rígido, o jovem acaba assimilando as transformações sociais de modo muito mais rápido, e por se relacionar com os objetos de forma “lúdica e inovadora¹⁴” impulsiona essas transformações para um desenvolvimento mais veloz ainda.

Por isso, os jovens. Porque se quisermos saber do *Continuum* Atmosférico Mediático e da Empatia Tecnológica e Maquínica, temos que olhar para eles, que já são hoje os consumidores midiáticos predominantes.

Considerações Finais

Atualmente estamos realizando uma pesquisa com diferentes jovens, frequentadores de escolas urbanas e do campo, alunos de cursos diurnos e noturnos. Neste texto, como já dito, trazemos os resultados iniciais obtidos em uma escola da Capital, Cuiabá, com jovens de 16 a 24 anos do terceiro ano do ensino médio, do período noturno. A pesquisa tem o intuito de identificar como os jovens se relacionam com as novas tecnologias, como se dão as relações interpessoais, o que muda na vida destes jovens com a facilidade de acesso a internet e a portabilidade e dos aparelhos, e quais mudanças na percepção do espaço/tempo ocorreram com esse público.

Para isso, aplicamos um questionário com 20 questões, sendo 17 de múltiplas escolhas e 03 dissertativas. Nesta etapa, de caráter exploratório, analisamos 55 questionários. O objetivo, nos próximos passos, é ampliar o número de questionários, diversificar as escolas e públicos para, em seguida, instalar diferentes grupos de discussão.

Segundo os dados analisados, os jovens nos mostram que as relações com a máquina estão cada vez mais orgânicas – no sentido mais visceral do termo. Entre esses jovens, o mundo virtual é uma realidade, uma vez que 100% deles afirmam ter celular com acesso à internet. Desses jovens, 38,18% disseram permanecer mais de três horas por dia conectados à internet. E não é só isso: a máquina se mostra presente em todos os momentos do seu dia, pois 70% dos jovens ouvidos checam mensagens no seu celular logo ao acordar, 96,36%

¹⁴ Sobre este tema, veja nossas discussões anteriores: Moreira (2015); Moreira e Fichtner (2015); e Libanio e Moreira (2015).

costumam fazer postagens nas redes sociais antes de dormir e 69,09% dizem interromper pelo menos uma de suas refeições diárias para verificar as mensagens no aparelho.

É esta relação com o celular, portanto, que estamos chamando de Empatia Maquínica. Questionamos que a relação com este tipo de aparelho não é mais do tipo protética, pois aparelho e jovem estão se tornando algo uno, fruto das possibilidades que os aparelhos mediáticos proporcionam. O fato de acordar e, antes de mais nada, checar as mensagens, pegar no celular, interromper até mesmo a hora de comer para manuseá-lo, querer estar a todo o momento “ao lado” dos colegas, nos grupos de *WhatsApp* e do *Facebook*, por exemplo, somados ao ato de fazer postagens antes de dormir, mostram duas situações que se complementam: 1. Avançado nível de imersão dos jovens, em que o “real” e o virtual se entrecruzam em um grande fluxo de informações; 2. Avanço tecnológico destes aparelhos, impulsionado pelo crescente procura por novidades e o consequente aumento no volume de vendas.

Os estudos desenvolvidos no interior de nosso grupo de pesquisa mostram que, de fato, as grandes máquinas estão sendo substituídas progressivamente por novas máquinas, mais portáteis e sofisticadas, um postulado já defendido por Marcondes Filho (1998). Dos 55 jovens ouvidos, 56,37% disseram ter um desktop e 72,72% afirmam ter um *notebook* e 100% possuem um celular com acesso a internet, ou seja, o grande computador de mesa vem sendo progressivamente substituído pelos notebooks, mas o grande avanço em termos de consumo são os smartphones, estes verdadeiramente unânimes.

Os dados acima apresentados constituem mais um exemplo a favor da ideia de Empatia Maquínica, pois as máquinas não se mostram apenas como um grande artefato estático, alheio ao corpo; elas agora são portáteis, cabem na palma da mão, acompanham nosso caminhar por onde quer que andemos. Por isso, que esta relação jovem/máquina permite sofrimentos, risos, choros: há vidas sendo vividas no mundo virtual. Além disso, devemos recordar que 98,18% dos jovens ouvidos usam mais o celular do qualquer outro aparelho mediático para se conectar a internet.

Mas, estes números nos deixam ainda mais perguntas. Por exemplo, como serão os novos rumos das relações sociais com esse avanço tecnológico tão intenso que estamos vivendo? Será que o uso tão intensivo dos aparelhos que estes jovens mostram ter é prejudicial nas suas relações orgânicas do mundo “real”? Será que em um futuro próximo nos relacionaremos mais dentro do que fora da internet? Estas relações proporcionam novas

formas de experiência? O que as relações midiáticas se diferenciam das relações face a face? Enfim, são questões que nos impulsiona a prosseguir pesquisando.

Referências

BAITELLO JR., Norval. **A Cultura do Ouvir**. Texto publicado em Rádio Nova. Constelações da Radiofonia Contemporânea 3. Org. Lílian Zaremba, Ivana Bentes. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1999. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/3a-cultura-do-ouvir.html>>. Acesso em 26 de abril de 2015.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. Brasiliense, São Paulo, Brasil, 1985.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Organização: Michael Schröter. Tradução: Vera Ribeiro. Zahar, Rio de Janeiro, Brasil, 1994.

GAGNEBIN, Jeane. **Walter Benjamin: Os Cacos da História**. Tradução: Sônia Salzstein. Brasiliense, São Paulo, Brasil, 1982.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. Tradução: Marco Aurélio Werle. Scientiae studia. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

KERCKHOVE, Derrick de. **Texto, contexto e hipertexto: três condições da linguagem, três condições da mente**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003, quadrimestral, p. 7-12.

_____. O novo totem do pós-humano. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Org.) **Pós Humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. Difusão, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2010. P. 145-161.

LIBANIO, Deodato; MOREIRA, Benedito. **A Narrativa e o surgimento do novo em Lyotard**. Trabalho apresentado no VII Seminário do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Cuiabá. Humanidades em Contexto: saberes e interpretações, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/9417092/A_Narrativa_e_o_surgimento_do_novo_em_Lyotard>. Acesso em 07 de julho de 2015.

_____. **A Empatia Maquinica e as Novas Formas de Habitar o Mundo**. Trabalho apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/13727793/A_Empatia_Maqu%C3%ADnica_e_as_Novas_Formas_de_Habitar_o_Mundo>. Acesso em 07 de julho de 2015.

LYOTARD, Jean-François. **¿Porqué Filosofar?** Edición electrónica de www.philosophia.cl. Escuela de Filosofía, Universidad ARCIS. 1964.

_____. **La posmodernidad explicada a los niños**. Traducción: Enrique Lynch. Barcelona, Gedisa, 1987.

_____. **Moralidades Posmodernas**. Traducción: Agustín Izquierdo. Tecnos, España, Madrid, 1996.

_____. **Lo Inhumano**. Traducción: Horacio Pons. Manantial, Buenos Aires, Argentina, 1998.

_____. **Peregrinações: lei, forma, acontecimento**. Tradução de Marina Appenzeller. Estação Liberdade, São Paulo, 2000.

_____. **A Condição Pós-Moderna**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade tecnológica**. São Paulo: Scipione, Coleção Ponto de Apoio, 1994.

_____. **Cenários do novo mundo**. São Paulo, Edições NTC, 1998.

_____. **Alice do país do videodrome: de como os receptores foram tragados pela interatividade da comunicação eletrônica**. São Paulo, Revista Novos Olhares, número 04, 2º semestre, 1999. P. 04-11.

_____. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Paulus, São Paulo, Brasil, 2004.

_____. **Superciber: A civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivência e ações estratégicas**. Paulus, São Paulo, Brasil, 2009.

_____. Impasses da comunicação eletrônica: a questão do diálogo na rede e do outro. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Org.) **Pós Humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. Difusão, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2010. P. 303-314.

_____. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, Brasil, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MEAD, Margaret. **Cultura y Compromiso. Estudio sobre la ruptura generacional**. 2. ed. Buenos Aires: Granica Editor, 1971.

MOREIRA, Benedito. Jovens e as Tecnologias: Entre a poética e o controle técnico. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.). **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015. (no prelo)

MOREIRA, Benedito; FICHTNER, Bernd. **Juventudes, tecnologias e consumo midiático: Andanças virtuais revelam a constituição do novo**. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura, v.13, n.01, jan-abr 2015, P. 67-83. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13122/9583>>. Acesso em 03 de julho de 2015.

RUSHKOFF, Douglas. **Um Jogo Chamado Futuro. Como a cultura dos garotos pode nos ensinar a sobreviver na era do caos**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

SAMSONOW, Elisabeth von. **Os Sentidos Armados. A razão e seus instrumentos na Renascença**. Revista GHREBH N. 9, São Paulo, Março de 2007. Disponível em: <<http://revista.cisc.org.br/ghrebh9/artigo.php?dir=artigos&id=SamsonowFranc>>. Acesso em 03 de julho de 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. Coordenação: Valdir José de Castro. Paulus, São Paulo, 2003.

_____. **Pós-Humano – Por quê?** REVISTA USP, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007.

_____. Pós-humano, pós-humanismo e anti-humanismo: discriminações. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Org.) **Pós Humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. Difusão, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2010. P. 99-143.